

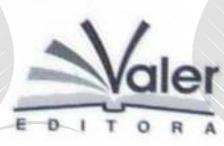
COLEÇÃO RESGATE  
Coordenação: Tenório Telles

**benjamin sanches**



**o outro e outros contos**

2.<sup>a</sup> edição



BIBLIOTECA PÚBLICA  
DO ESTADO  
Amazonas

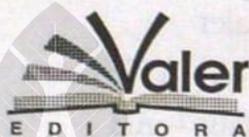
**benjamin sanches**

# o outro e outros contos

AmM  
869.93  
3211  
24.3

Organização  
Tenório Telles

2ª. edição revista



# SUMÁRIO

Apresentação — Robério Braga.....	11
Os mistérios de Benjamin Sanches — Antônio Paulo Graça .....	13
o outro e outros contos .....	21
o estropiado.....	23
boneca volante .....	29
o cuspe.....	37
as unhas .....	43
o rigor .....	49
a pausa .....	57
a gravata .....	63
o vigia.....	69
ver do não ver .....	75
somente a morte.....	81
a roupa.....	89
o miolo.....	97
a urdidura .....	103
gula-gume .....	113
o tartaruga .....	119
o outro .....	125
o tubarão descalço .....	131
o bicho .....	137
touro guarujá.....	143
casa nove .....	151
coágulo de sombras .....	157
a viagem .....	163
a mão tingida.....	169

# APRESENTAÇÃO

Robério Braga\*

O poeta não se deu bem. Não é que tenha deixado rastro poético que não mereça registro, mas o que dele pode-se destacar em *Argila*, dado a público pela editora Sérgio Cardoso nos fins dos anos 50, quando o populismo mal começava e a “geração de 45” procurava responder aos tons de modernidade nas letras e nas artes, não é de todo o que merece como contista revelado anos depois em *O outro e outros contos*, este mesmo que agora vem a público em segunda edição, por instigamento que fiz.

Manaus o recebeu em 21 de abril de 1915 e dele conheceu os contos reunidos em 1963, depois de ler em páginas semanais pela imprensa – algumas vezes sob o pseudônimo de Aziz – questionando os padrões estéticos e gráficos, apresentado, como se precisasse, por Assis Brasil, que admitiu poder incluí-lo na geração de contistas reformadores do gênero.

Li-o, nos dois livros, ainda quando o verdor dos anos dava fogo às noites indormidas, debruçado cantando e recantando desejos de tudo conhecer e devorar.

Fui ter com ele, por acaso, mal começara as atividades na administração pública, pelo ano de 1975, atuando na profissão de Engenheiro Agrônomo, como escolhera. Manso, silencioso, de quem todos ali pareciam desconhecer o valor do escritor e os sonhos esbranquiçados pelo tempo. Era quase um ancião de respeito, quando cheguei alvoroçado, cabelos aos ombros confiante em tudo e todos. A ele faltava vigor porque as agruras tinham sangrado todos os encantos. A roupa simples, quase pobre, mostrava, tanto quanto os olhos, a tristeza do homem.

Posso dizer que o vi declinar, na declinação final, quase em entrega, guardando as armas e recolhendo do ar somente o necessário

para a travessia que, muitas vezes, dizia estar diante dele, e buscava ver com os olhos claros e fundos.

Vou tomar-lhe um trecho do conto “a gravata”, guardando inclusive a proposta das minúsculas como no livro, porque “não sei o que as minhas palavras vos farão pensar embora não estejamos face-a-face a nenhum mistério. vivera menino e homem sem olhos para ferir, sem boca para beijar. soube ser calmo como eu não sei. indiferente a tudo como eu não sou. é verdadeiramente assombroso ter ousado como eu não ousaria. antes fosse um abstrato ser dentro deste emperrado mecanismo de minhas abstrações.”

Agora o reconquistamos para os mais jovens, sem louvação. Reeditar sua obra entre outros clássicos, se é prêmio ao escritor, é também dar aos leitores a rica possibilidade de conhecê-lo.

Não sei se sobre a lápide de seu repouso na terra está o epitáfio que lavrou em *Argila*, mas quero respeitar aquele desejo, e que todos possam vê-lo por estes contos e que ele possa ver o firmamento, porque assim desejou ao grafar:

*Quando meu barco imergir  
no profundo lago desconhecido,  
não construam sobre o local  
outros mastros e chaminés.  
Que a superfície fique limpa  
e tranqüila, para refletir  
a beleza do firmamento.*

Só rompemos o silêncio que pairava sobre sua obra.

Abril, manhã de chuvas.

\*Robério Braga é presidente da Academia Amazonense de Letras, administrador cultural e idealizador da *Coleção História do Amazonas*.

# OS MISTÉRIOS DE BENJAMIN SANCHES

Antônio Paulo Graça\*

Benjamin Sanches (1915-1978) sofreu sob a mais poderosa arma da província: o esquecimento. Mal passada a primeira década de sua morte, ninguém mais lhe lembrava sequer o nome. Dificilmente alguém sabe quem ele foi de fato, onde nasceu e morreu ou como viveu. Publicou dois livros, um de poemas, *Argila* (1957) e *O outro e outros contos* (1963). Escreveu no prestigioso Suplemento Dominical do Jornal do Brasil e participou ativamente do Clube da Madrugada, mas não há registro de que tenha recebido sequer uma homenagem de seus companheiros. Seus livros não foram reeditados (injustiça agora corrigida pela coleção *Resgate*) e ele se tornou o silêncio mais eloqüente das letras amazonenses.

Tratava-se mesmo de uma figura de exceção. Ao contrário de nossos demais prosadores, quase todos seduzidos pelo regionalismo, não raro conservador, Benjamin Sanches investia na experimentação, na invenção. Cultivava excentricidades, como só escrever com minúsculas e alinhar o fim dos parágrafos pela direita. Isso eram apenas traços exteriores de forte individualidade, de imaginação caudalosa.

1963 foi o ano em que se publicaram dois marcos da contística amazonense, *Alameda*, de Astrid Cabral, e este *o outro e outros contos*, de Benjamin Sanches. O ambiente literário brasileiro comportava invenções<sup>1</sup>. E Benjamin Sanches aderiu à atmosfera com adequada dis-

posição de espírito. Seus contos revelam uma linguagem própria, desde o nível mais elementar, o dos sintagmas e expressões, até o mais complexo, que dizem respeito à maneira de “ver” a realidade, de narrar, de escolher pontos de vista, de exprimir idéias e sentimentos inesperados.

Por conta de certa vanguarda, invenção e experimentalismo acabaram se tornando expressões do tédio e da incomunicabilidade. Nada mais distante de Benjamin Sanches. Seus contos são empáticos e comunicativos. Raras vezes difíceis, quase sempre têm a generosidade de nos revelar seus mistérios. Mesmo o leitor distraído começa a perceber que “a viagem”, do conto homônimo, é mesmo a morte. Ainda assim não deixa de emocionar-se com a anatomia cortante de nossa existência monetarizada, de nossa impotência em face do destino. Eis a generosidade de *O outro*: o entendimento não destrói a experiência de contemplarmos a realidade por outro e outros ângulos.

Variados são os temas e a ambientação das narrativas reunidas neste livro. A maioria se passa em centros urbanos (o Rio de Janeiro aparece aqui e ali) e trata de relações afetivas ou cortantes experiências humanas. Mas alguns são amazônicos. Nesses, os limites entre o homem e o animal volatizam-se. Há caboclos que ganham o nome dos animais que caçam, como “o tartaruga”, ou que se brutalizam, como “o estropiado”. Contudo, a densidade existencial dos personagens confere aos contos uma excelência, senão inexistente de todo, pelo menos, rara na ficção regionalista da Amazônia.

Outra distinção do contista é a linguagem própria e, como se disse, experimental. Trate de inflexões sobre a existência, sobre a loucura, essa sombra sempre à espreita em muitas de suas histórias, sobre acasos hilariantes, sobre a vivência interiorana, sua linguagem jamais naufraga no registro localista, no neofolclore. Sempre criativa e viçosa, sua expressão original nasce da fusão alquímica de forte personalidade, senso de realidade e traços de surrealismo e expressionismo, na exata medida. Daí as paisagens nervosas, os ambientes escuros e delatores, como os quartos onde os casais se encontram (tudo se humaniza nesta ficção).

Na humanização de tudo se encontra a chave e o segredo de Benjamin Sanches. Não são apenas os homens que se animalizam. Os ani-

mais (o boi, um inseto) regurgitam de humanidade. O homem-tartaruga, por exemplo, sente-se “feliz por se encontrar entre feras e bem longe dos humanos”. Essa espécie de reversibilidade universal não diminui animais ou homens, ergue-os todos na tragédia do destino comum.

Dois contos sobre animais se elevam nessa já alta paisagem. “touro guarujá”, narrado pela perspectiva de um boi que, depois de anos de dedicada reprodução, se vê castrado e, em seguida, morto. E sobretudo “coágulo de sombras”, também narrado pelo ponto de vista de um inseto kafkiano, provavelmente uma aranha. O animal acompanhou grande parte da vida da mulher que agora levanta uma sandália para esmagá-la. Há algo de Clarice Lispector na história, embora *A Paixão Segundo G. H.* só fosse publicado um ano depois de *O outro*. A tensão e a memória da existência, ainda que de um inseto, no instante final, ganham dimensões metafísicas.

Walter Benjamin escreveu, em *O Narrador* (1937), um inesquecível parágrafo:

*Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida (e é dessa substância que são feitas as histórias) – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade.<sup>2</sup>*

Os contos deste livro estuam experiências vívidas, mesmo quando nascem de situações “absurdas”. O autor sabe que autenticidade não significa veracidade e o leitor capaz lembra-se de “suspender a incredulidade”, como queria Coleridge, para maximizar o fenômeno

literário. De fato, as situações-limites em que se encontram a maioria desses personagens e a maneira, quase confidencial, como as narram os investem de toda a autoridade possível.

Merecem atenção redobrada alguns contos que tratam da loucura. Neles a linguagem de Benjamin Sanches refulge. E então seus pendores surreais exprimem-se livremente. Um exemplo: "o cuspe". Nele podemos ler passagens de verdadeiro lirismo, como: "quem imaginasse a alma em suas retinas, sentiria em toda a sua essência o borbulhar da angústia em câmara lenta, rolando pelos seus soluços em gestos amplos e vagos." A atmosfera de imprecisão e incerteza harmoniza-se adequadamente à história da loucura da mulher, loucura que bem pode ser projeção do narrador, pois no final sua própria linguagem tende à alucinação. O clima é opressivo e belo, assustadoramente belo, como um pesadelo. Num intrincado jogo de subjetividades, assim a narrativa se fecha: "encontramo-la morta, debruçada na banheira e através da água tingida de vermelho, via-se no fundo, o meu retrato estrangulado, justificando o meu gesto." Esse gesto à primeira leitura diz respeito à denúncia às autoridades e ao chamado do psiquiatra. Mas, como sempre, outras leituras são possíveis e legítimas.

Outro conto alucinatório é "casa nove". Os sofrimentos de homem conturbado descrevem-se em detalhes cortantes, em frases cujo sem-sentido exprime beleza e angústia. As inquietações sexuais e humanas do adulto infantilizado, waldomiro, comovem e, ainda uma vez, revelam autenticidade das emoções.

Se nos dois exemplos acima a loucura se mostra à superfície, em muitos outros, ela não vai além da sugestão. De qualquer maneira, a condenação à insanidade parece ser um elemento constituidor da ficção de Benjamin Sanches. Ela pode provir das relações familiares, matrimoniais, sociais ou mesmo do biologismo, mas os seres escolhidos pelo contista parecem, em sua maioria, incapazes de arrostar os desafios da opressão que é existir. Debilitadas, essas criaturas procuram manter, nos instantes cruciais, uma ponta de dignidade. É curioso que atmosfera semelhante se encontra em alguns contos de *Mundo mundo vasto mundo*, de Carlos Gomes, e *O Tocador de Charamela*,



## AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**